

ARTIGO



EDUARDO DE A. CARNEIRO
aacd@aacd.org.br

Brasil, um país de desigualdades

11,4% da população acima de 15 anos é de analfabetos

Apesar de recentes estudos do Banco Mundial e da Fundação Getúlio Vargas demonstrarem ter havido redução da miséria no Brasil, o quadro social continua grave. Segundo o mais recente relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a estratificação econômica no País é uma das mais acentuadas do mundo. A renda *per capita* dos 10% mais ricos é 32 vezes maior do que a dos 40% mais pobres.

Os números explicam, em boa medida, o porquê de figurarmos em 63º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), cujos indicadores consideram a longevidade média da população, a assistência médica, o ensino, a renda e a qualidade de vida.

As carências brasileiras são evidenciadas por outros preocupantes números: 11,4% da população acima de 15 anos é analfabeta, enquanto o analfabetismo funcional atinge 30% das pessoas no País. Apenas 40 milhões de pessoas têm acesso à medicina privada e cerca de 150 milhões dependem da precária assistência da rede pública.

Ou seja, no binômio "saúde/educação", essencial ao desenvolvimento, o Brasil apresenta situação frágil. Fica claro que o Estado não tem conseguido atender adequadamente à sociedade em áreas de seu precípua dever constitucional, apesar de tudo o que produzem empresas e trabalhadores.

Embora já enfrente no Brasil um dos mais onerosos sistemas tributários do planeta, a iniciativa privada não se tem omitido perante o quadro social. Ao contrário, participa cada vez mais das ações de voluntariado e responsabilidade social, atuando no escopo do que é público.

É o que demonstra estudo inédito, recém-divulgado, do Programa de Voluntários das Nações Uni-

das (UNV) em parceria com o Johns Hopkins Center for Civil Society Studies: o setor, sem fins lucrativos no Brasil, já representa 5% do PIB nacional, tendo crescido 71% entre 1995 e 2002.

Pesquisa anterior do Johns Hopkins, realizada em 1995, demonstrava que o Terceiro Setor havia movimentado, naquele ano, R\$ 10,6 bilhões, o equivalente a 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

No novo relatório, a instituição norte-americana que estuda as organizações sem fins lucrativos indica que esse índice de participação praticamente quadruplicou, tornando-se superior ao de setores muito fortes da economia nacional, como o de extração mineral, que inclui petróleo, minério de ferro, gás natural e carvão.

Além disto, o Produto Interno Bruto do terceiro setor é maior do que o de 22 estados brasileiros, perdendo apenas para São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná.

Como se observa, a consciência social do voluntariado, das empresas, dos institutos e de fundações abre perspectivas de que o Brasil possa prover melhor qualidade de vida à população.

Há, ainda, é verdade, certo ceticismo sobre o funcionamento e o alcance, em termos de resultados, do trabalho realizado por essas instituições.

Assim, é importante que exemplos bem-sucedidos sejam disseminados e se tornem acessíveis à opinião pública, evidenciando o significado do engajamento da sociedade e empresas.

A atuação da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) exemplifica o significado do terceiro setor. A entidade realiza cinco mil atendimentos por dia, em suas sete unidades (três em São Paulo e uma nas cidades de Uberlândia, em Minas Gerais, Recife, em Pernambuco, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro).

Noventa e seis por cento são gratuitos, contribuindo para que contingente expressivo dos portadores de deficiência física brasileiros tenha acesso a reabilitação, tratamento, escolaridade, melhoria das condições de mobilidade e inclusão no mercado de trabalho.

Não só na saúde, como no ensino, cultura, esportes, lazer e profissionalização há imenso espaço para que empresas de todos os setores invistam no social, por meio de programas próprios ou em apoio a projetos de ONGs, contribuindo para que o País seja melhor.

Eduardo de Almeida Carneiro é o presidente voluntário da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD)